



Tema 01 - Dimensão Psico - afetiva (processo da personalização. "Quem sou Eu?")

Título 01 - A Pessoa do Assessor (cuidar do cuidador). Quem é o assessor de jovens?
Identidade e critérios.

Pe. Antonio Ramos dos Prado, sdb

(Mestre em Pastoral Juvenil- UPS-Ecuador)

Introdução

O adulto traz para o trabalho com jovens duas razões importantes: *experiência e teoria*. "Se alguém é, ou se torna agente, é porque tem algo a oferecer ao povo, tem uma contribuição particular a dar na sua caminhada. O agente é agente porque é diferente. E isto que precisa ser visto e assumido"¹

Os jovens enfrentam muitas situações pela primeira vez. O adulto já passou por experiências semelhantes e muitas vezes têm consciência de elementos que escapam à compreensão de uma geração mais nova. Alguém, com 30 anos de experiência, tem mais distância e, portanto mais objetividade, diante de certas situações. Mas, é claro, há exceções! Nem todo adulto aprendeu com a experiência devida.

É normal que os jovens passem por instabilidade emocional nesta etapa da vida. Nesses casos, os assessores adultos servirão como elementos estabilizadores. Um jovem avaliou: "Nosso caminho é de altos e baixos. Quando nosso assessor vê que estamos descendo a ladeira, ele nos dá aquele apoio, aquela animação de fé". O assessor é que garante a continuidade no trabalho de formação, fazendo com que seja aproveitada toda a experiência acumulada, na medida em que vão se revezando as várias gerações de jovens. Os protagonistas são os jovens, é claro. Mas os assessores funcionam como parceiras que, com sua experiência de vida/fé e conhecimento teórico, facilitam o nascimento do novo.

A função de assessor existe em outras áreas da vida moderna, fora do campo da pastoral. Um partido político, um sindicato, um movimento popular precisam de assessores para ter uma ação mais eficaz dentro da complexidade da sociedade moderna. Dependendo do lugar e do país, utiliza-se termo diferente: assessor, agente, animador, diretor, assistente... **Na Igreja do Brasil fez a opção pelo termo "ministério da assessoria" (Doc. 85 Cnbb – Evangelização da Juventude), porque o objetivo é acompanhar o jovem na sua formação integral.**

1. Contribuição específica do assessor:

O assessor *não é um agente externo* que chega com tudo pronto. Ele vai caminhar com os jovens, vai respeitar seu processo de formação. Mas, por ter adquirido

¹ Clodovis Boff, "Como trabalhar com o povo", Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, p. 24.



uma base teórica nas diferentes ciências: teologia, espiritualidade, pedagogia, psicologia, sociologia, economia, ciências políticas... Ele tem um conteúdo intelectual maior. Ele vem com algo que os jovens não têm. E se ele não tem esse conteúdo maior, se ele está no mesmo nível de conhecimento dos jovens,

O assessor pode ser comparado a um guia que ajuda um grupo a escalar uma montanha. Ele mesmo não coordena o grupo, mas presta assessoria. O grupo tem seu próprio coordenador. O guia já subiu a montanha muitas vezes. Sabe os melhores caminhos, os atalhos, os perigos. Se cair uma tempestade, o grupo terá alguém para orientá-lo. O termo que, talvez, melhor exprima a função do assessor é *catalisador*. O catalisador é um elemento químico que, quando colocado ao lado de dois outros elementos, desencadeia uma reação. Desta reação surge uma substância nova. Assim, o assessor cria situações que provocam o surgimento de líderes que tem iniciativa e responsabilidade e que encontram na fé um sentido profundo para a vida. A falta de assessores competentes é o calcanhar de Aquiles² da Pastoral Juvenil.

2. Assessor, elemento-chave do processo:

Dissemos na introdução deste livro que um trabalho eficaz com jovens pressupõe uma visão de conjunto e atenção a muitos elementos que compõem este conjunto: etapas de conscientização e educação na fé, organização, planejamento, acompanhamento, estruturas de coordenação, espiritualidade, formação, grupos de base, ação, comunicação, assessoria... Há tantos elementos que às vezes não se sabe por onde começar. Se fossemos escolher um elemento do qual decorrem todos os outros, eu indicaria a conquista e capacitação de bons assessores. Um bom assessor é aquele que considera que o jovem é o protagonista do seu processo de formação. Ele orientara os jovens na maneira como ajudar na formação de outros jovens.

3. Desafios:

Hoje, devido à distância que existe entre as gerações, não é fácil encontrar adultos que tem jeito, vocação e tempo para acompanhar o trabalho pastoral junto à juventude. Nos cursos que tenho dado, notei alguns bloqueios que os adultos sentem diante deste trabalho: dificuldade de se aproximar, agressividade dos jovens, dificuldade de se expressar e comunicar, insegurança, falta de equilíbrio emocional, falta de tempo, distanciamento, medo de ser superado, medo de enfrentar o novo, instabilidade do jovem, angústia frente às mudanças rápidas na maneira de pensar dos jovens, sentimento de incapacidade, sentimento de serem velhos demais, perda de forças, dificuldade de dialogar com o jovem. Mas os jovens esperam nos adultos alguém que possa escutá-los e acompanhá-los no seu projeto de vida.

4. Correntes diferentes:

Muitos adultos têm receio de trabalhar com jovens porque não vêem claro o seu papel como assessor e não sabem como se preparar melhor para um trabalho dessa natureza. Na Igreja, encontramos correntes diferentes sobre o papel do adulto na assessoria da Pastoral Juvenil. Alguns são mais clericais, outros mais basistas, uns



chegam a negar a figura do assessor. Nossa intenção, neste texto, é apresentar um modelo equilibrado que promove o crescimento integral do jovem.

Tipos de Assessores

1. Assessor perito:

O assessor-perito ou assessor-ocasional é alguém chamado, de vez em quando, para ajudar a aprofundar temas específicos: temas teológicos, sociológicos, psicológicos, políticos, pedagógicos, afetivos. Estas pessoas não acompanham o jovem no seu dia-dia. Mesmo assim, tem condições de desempenhar papel importante na sua formação teórica, quando tratam de temas de sua competência. Mas, por não estar dando passos com os jovens, o contato anterior com a coordenação é importante para se situarem dentro do contexto da pastoral. A preparação em conjunto evita colocações que não estão relacionadas com a realidade dos jovens e não respondem as necessidades dos assessores permanentes, que acompanham sistematicamente o trabalho pastoral com a juventude. Distinguimos três tipos de assessores permanentes: o assessor religioso (padre, irmã, irmão, seminarista), o assessor leigo adulto e o assessor jovem.

2. Assessor religioso

O assessor padre tem a vantagem de ter recebido formação teológica. Sua posição dentro da hierarquia abre muitas portas e dá respaldo importante a Pastoral Juvenil. Sua maior limitação é a falta de tempo. Tem muitos compromissos dentro da Igreja e, de modo geral, não prioriza o trabalho com a juventude.

A assessora religiosa traz para a pastoral a dimensão da consagração feminina. Há muito mais irmãs na Igreja do que padres, mas são poucas as que desenvolvem trabalho pastoral com jovens, sobretudo em nível de assessoria mais ampla. Era de se esperar que tivessem mais tempo para este trabalho do que os padres. As congregações femininas precisam se questionar sobre sua ausência no trabalho com jovens, fora de sala de aula. Felizmente, algumas congregações, cujo carisma é a juventude, estão dando passos significativos nesta direção.

O assessor religioso também está pouco presente na Pastoral Juvenil. Sobre ele, podemos fazer o mesmo questionamento que fizemos sobre a assessora irmã.

O assessor seminarista há participação significativa de assessores seminaristas na Pastoral Juvenil. Os seminaristas têm a vantagem de proximidade de idade com os jovens. Muitos também vieram de grupos de jovens. Frequentemente, porém, são colocados neste trabalho sem preparação e acompanhamento. Às vezes, o trabalho é superficial, ficam pouco tempo, como fase de experimentação, e depois saem. Os seminaristas que nunca participaram de grupos de jovens tem pouca noção de trabalho em equipe, assessoria, planejamento... Frequentemente, não entendem seu papel e passam a assumir o papel do coordenador jovem.

Em alguns países, faz parte do currículo dos seminários o estudo da metodologia da Pastoral Juvenil e Teologia da Pastoral Juvenil. Do ponto de vista da Pastoral Juvenil da CNBB, investir na formação de assessores seminaristas pode ser uma boa estratégia



para garantir ou formar uma nova geração de padres, que sejam abertos e valorizem e promovam o protagonismo do leigo na igreja. O trabalho junto aos jovens pode também ser um incentivo para que os seminaristas se dediquem com seriedade aos estudos. Eles mesmos perceberão que, sem preparo intelectual, ficarão a margem do debate e do confronto entre as ideologias de hoje. Quem trabalha bem com a Pastoral Juvenil, num primeiro momento de sua vida, depois, terá mais facilidade de trabalhar com qualquer outro tipo de pastoral.

3. Assessor leigo adulto:

O assessor leigo adulto traz para a assessoria a experiência da vida espiritual, profissional e, às vezes, do matrimônio, da paternidade e da maternidade. Sua participação é muito importante.

Os grupos das expressões da Pastoral Juvenil não podem servir de laboratório para casais recém casados de encontros de casais. Esta observação, na expressão forte, própria de um jovem, é um alerta, mas não pretendemos com isso generalizar com relação a todos os casais. Há muita gente preparada e generosa disposta a trabalhar com jovens. É necessário um processo de seleção. Uma fonte importante de bons assessores é os próprios grupos de jovens. Líderes saídos das fileiras da Pastoral Juvenil (Congregações, Movimentos, Pastorais da Juventude e Novas Comunidades) estão descobrindo que podem ser bons assessores. Mas, é necessário discutir melhor o processo de transição de coordenador jovem para assessor. Muitos recém-casados desempenham bem a tarefa de assessoria, por terem passado pela experiência de grupos de jovens.

A memória e a experiência acumuladas são dados importantes. Talvez falte incentivo e apoio maior para que mais pessoas possam seguir o mesmo caminho. A presença do assessor leigo adulto serve como modelo para os jovens, numa fase de busca de modelos e num mundo onde há tão poucos modelos. *O leigo não é um assessor suplente*, que desempenha essa função onde não ha padres. Sua contribuição é específica junto aos grupos das expressões da Pastoral Juvenil da CNBB. Infelizmente, as experiências de assessoria por parte de leigos ainda são bastante frágeis.

As expressões da Pastoral Juvenil depende quase unicamente de assessores religiosos, de modo especial, padres. Quando estes mudam para outro lugar (o que é frequente) os grupos de jovens entram em crise. Neste sentido os movimentos apostólicos (nacionais e internacionais), que trabalham com jovens, são menos clericais do que a Pastoral Juvenil. Dependem mais de leigos adultos para sua assessoria. Como resultado, o movimento não entra em crise só por causa do afastamento de um padre ou irmã. Não queremos dizer com isso que o padre ou as irmãs não desempenham papel importante na pastoral juvenil.



4. Assessor Jovem

a. Confusão sobre seu papel:

O assessor jovem é uma figura nova que surgiu nos últimos anos. Há muita confusão sobre o seu papel. Em alguns lugares, a experiência surgiu em situações de emergência, onde havia falta quase total de assessoria adulta. Alguns lugares, a experiência nasceu como reação ao autoritarismo de assessores adultos, e como tentativa de encontrar uma alternativa. Em outros lugares, ainda, surgiu como proposta para substituir o assessor adulto. Neste caso havia falta de clareza sobre a importância da contribuição do adulto. Outras vezes, enfim, apareceu como bandeira, empurrada por jovens vanguardistas que queriam excluir o adulto que pudesse ser foco de questionamento da sua prática antidemocrática. A Pastoral Juvenil com o Doc. 85, fundamentando o papel de cada membro. Sempre focando a importância do papel do assessor adulto no processo do acompanhamento do jovem.

b. Os dois saberes se complementam:

A assessoria jovem pode ser uma estratégia importante para fortalecer uma pastoral mais consequente, desde que haja clareza do seu papel, dos critérios para sua escolha e de como deve ser o acompanhamento. O assessor jovem tem a vantagem de estar mais perto dos jovens, em termos de idade. Capta suas aspirações e se relaciona com facilidade com eles. Tem grande capacidade de empolgá-los para trabalhar em prol de uma causa. O saber do jovem é diferente do saber do adulto. Os dois tipos de saber se complementam. Por outro lado, é importante levar em conta as limitações para que as expectativas sejam realistas. Falta experiência e aprofundamento teórico para o assessor jovem. A experiência não é sempre valorizada pelos jovens, mas é importante. Um aluno de primeiro ano de engenharia eletrônica não está no mesmo nível que um engenheiro eletrônico com muitos anos de experiência.

Não podemos, porém, fazer afirmações absolutas aqui. Não é raro também encontrar jovens com mais aprofundamento teórico do que alguns assessores adultos. De qualquer maneira é bom que o assessor jovem tenha o apoio de um assessor adulto. O ideal seria que o assessor jovem participasse de uma equipe de assessores onde há adultos e jovens, como explicaremos a seguir.

c. Critérios e processo de escolha:

Há necessidade de clareza no processo e nos critérios para a escolha do assessor jovem. Esse processo no Brasil sempre foi muito espontâneo. Há certa confusão e mistura de motivações. Alguns jovens viram no cargo de assessor "status", mais do que serviço. Um jovem queria ser assessor, não foi votado e abandonou a sua expressão. Em alguns lugares um jovem terminando seu mandato de coordenação, se auto-elegeu "assessor jovem". O título "assessor jovem" foi um gancho para continuar na Pastoral Juvenil para quem não tinha mais base. Em outros lugares foram eleitos assessores jovens devido a sua capacidade de falar bem em plenário e seu discurso político avançado. Alguns tiveram conhecimentos religiosos muito fracos.



A tendência ao vanguardismo surge por causa da falta de raízes no meio do povo. Estas dificuldades acontecem frequentemente em níveis de coordenação e de encontros onde é difícil verificar se os participantes desenvolvem um trabalho de base ou tem apenas um bom discurso. A Pastoral Juvenil do Chile chegou a conclusão de que o assessor jovem deve também ter certa distância, em termos de idade, dos jovens que vai assessorar. Se tiver a mesma idade, não funciona como assessor. Se o papel específico do jovem assessor e ser educador na fé, não basta ser popular, ter liderança e ter boa análise política. Hoje, há clareza de que um trabalho sério de assessoria feito por jovens deve estabelecer o processo de escolha de assessores jovens e elaborar alguns critérios imprescindíveis. São as seguintes as qualidades para exercer o papel de assessoria, tanto para os jovens, quanto para os padres, irmãs e leigos adultos.

5. Qualidades do Assessor

Em diversos cursos sobre assessoria, comecei perguntando sobre que qualidades seriam necessárias para um bom assessor. Foram citadas *as seguintes qualidades*: Capacidade de liderança, firmeza, sabedoria de vida, respeito às pessoas e as suas idéias, inserção numa comunidade eclesial, espírito de oração, vivencia espiritual, desprendimento das coisas materiais, fé e coragem, acreditar profundamente no projeto das expressões de juventudes da Pastoral Juvenil, espírito de aventura, capacidade de enfrentar dificuldades, perseverança, pessoa objetiva, amor pelos pobres, consciência crítica, senso de justiça, percepção da realidade, alegria, equilíbrio, serenidade, capacidade de diálogo, acolhida, interesse pela pessoa, abertura, convicção, franqueza, vida coerente, o amor aos jovens, carinho, humildade, simplicidade, generosidade, bondade, presença que cativa. Claro que somente Jesus Cristo conseguiu juntar todas estas qualidades numa só pessoa. Essa relação indica, porém, a direção em que devemos caminhar. Quero comentar algumas destas qualidades:

- Maturidade:

Uma jovem desabafou: "Queremos assessores que sejam menos adolescentes do que a gente". O assessor deve ser alguém realizado como pessoa, senão acaba passando seus problemas para os outros. O adulto que não tem segurança emocional encontra dificuldade em trabalhar com jovens. Sente-se rejeitado diante de qualquer crítica deles. Não consegue avaliar a crítica objetivamente. É preciso saber reagir positivamente às críticas. Assessores que não aceitam críticas têm poucas condições de fazer trabalho pastoral com jovens.

Um assessor maduro consegue manter-se sereno no meio das muitas crises dos jovens. Entende certas incoerências dos jovens e suas ambivalências. Entende o descompasso entre o sonho desejado e o sonho possível. Aceita as pessoas como elas são. Evita juízos de valor, que bloqueiam a comunicação e criam atitudes defensivas. O bom assessor é um ponto de referência e apoio para os jovens atravessarem as águas turvas da adolescência. Muitas vezes os jovens sentem-se desanimados como os discípulos no caminho para Emaús. O assessor, como Jesus, não condena, mas mostra interesse, escuta aquilo que se diz, mostra simpatia e da orientação. "*Somente pessoas*



profundamente unificadas em si mesmas e ricas de valores poderão estabelecer com os jovens um diálogo enriquecedor, transmitindo-lhes uma mensagem humana e cristã realmente libertadora”.

O assessor maduro estabelece relações afetivas equilibradas com os jovens e as jovens. Sabe que, como adolescentes, estão numa idade muito impressionável e podem ser facilmente manipulados por um adulto inescrupuloso. Este é um desafio tanto para os assessores religiosos quanto para os leigos casados.

- Capacidade de discernimento:

Um assessor sem capacidade de discernimento julga as pessoas *pelo seu discurso e aparência e não verifica sua prática*: se for responsável, se tem base, se tem uma opção de fé, se tem capacidade técnica para levar projetos adiante...² todas essas características são fundamentais perceber num assessor.

- Profetismo:

O assessor profético desafia os jovens a quebrarem o círculo do individualismo e a se abrirem para a fraternidade, a justiça, os direitos humanos e a se comprometerem com uma ação libertadora dos oprimidos, para serem coerentes com o Evangelho de Jesus Cristo. Ele mesmo tem coragem de denunciar as injustiças, de se inserir na caminhada histórica do povo.

- Capacidade de escutar:

Para realizar um trabalho eficaz, o assessor precisa sintonizar com os jovens. Se não há sintonia, é impossível captar suas aspirações. O bom assessor vive com "as antenas ligadas" para captar as mudanças no meio da juventude. É alguém que vive em estado de busca. Sabe que as diferenças se produzem, hoje, não somente entre adultos e jovens, mas entre as diferentes "gerações" de jovens. Hoje há uma geração diferente de quatro em quatro anos³. Às vezes se encontra assessor com cabeça dos anos 80 assessorando jovens dos anos 90. Não percebe que os jovens mudaram.

- Dinamismo e calor humano:

O assessor apagado e sem iniciativa dificilmente empolga os jovens. Pela amizade se conquista a juventude. O assessor pode ser superorganizado, superdedicado, superinteligente, mas se não é amigo não conquista os jovens. A alegria, o entusiasmo, o otimismo e o bom humor são qualidades que empolgam a juventude.

² Juan Vecchi/José . Prellezzo, "Proyecto educativo pastoral, Ed CCS – Madrid,1986,p.345. 2.

³ Luis Racionero, Enrique Martinez, "Juventud y municipios", Juventud Revista de Estudios e investigaciones, Editora Nacional, Torregalindo, dezembro de 1983, p. 186.



Acompanhamento

Acompanhar sistematicamente os grupos e expressões da Pastoral Juvenil é fazer o trabalho paciente e lento do agricultor que planta um pé de laranja e volta todo dia para regá-lo, até pegar raízes fortes. Para acompanhar sistematicamente a pastoral há algumas passos que são importantes:

1. Presença:

A Pastoral Juvenil, mais do que outras pastorais da Igreja, exige a presença do assessor. Os assessores padres têm mais dificuldade nesta área. Encontramos, frequentemente, assessores diocesanos que estão sozinhos na paróquia, com muitas comunidades e pastorais. São em geral os padres mais dinâmicos e por isso mesmo exercem outros cargos na diocese. Aparecem numa reunião de coordenação e tem que sair logo para celebrar um casamento, uma missa, dar uma palestra, participar de outra reunião ou enterrar mortos. Enquanto seu nome consta como assessor diocesano, na diocese se julga que está tudo bem.

Quando a pastoral cai na superficialidade os jovens são apontados como culpados e raramente alguém aponta a falta de investimento da diocese na sua formação. Um militante reclamou: "Não queremos assessores que agem como os políticos, que chegam para dar tapinha nas costas e depois vão embora e não se comprometem". Os jovens têm terminologia própria para descrever este tipo de assessor: "assessor-beija-flor", "assessora-borboleta". Reclamam dos assessores que estão "borboleteando" na pastoral.

O trabalho com jovens é um trabalho especializado. Não pode ser feito por pessoas sem tempo e sem preparação. Há necessidade de ter pelo menos alguns assessores liberados, se não em tempo integral, pelo menos em tempo parcial. Não se pode esperar resultado pastoral se não há investimento. Em muitas situações a Igreja tem que trabalhar com recursos humanos limitados. Há, por exemplo, poucos padres com capacidade para um trabalho mais especializado. Neste caso, o assessor sobrecarregado tem algumas opções para garantir uma presença de qualidade, mais do que de quantidade:

- I) Priorizar momentos-chave para estar presente: reuniões de coordenação, assembleias.
- II) Aprender a se organizar para perder menos tempo e ser mais eficiente.
- III) Priorizar acompanhamento dos líderes mais do que dos iniciantes. Procurar manter contatos informais com eles para trocar ideias. Se acentuarmos a importância da presença constante do assessor, não podemos deixar de chamar a atenção também para a necessidade de uma pedagogia de ausência em certos momentos.

A pedagogia de ausência é algo planejado e tem como finalidade evitar que os jovens se tornem dependentes do assessor. Tem efeito pedagógico importante quando o assessor comunica para o coordenador jovem: "Não vou estar na próxima reunião. Vocês têm que se virar sozinhos. Vocês são capazes". Assim o coordenador aprende a andar sem muleta.



2. Níveis diferentes de assessoria:

O papel do assessor varia, dependendo do nível de coordenação: *nacional, regional, diocesano, setorial, paroquial, grupal*. Quando a assessoria é feita apenas em nível de base, o assessor tem condições de estar presente nas reuniões do grupo, de ajudar na preparação das reuniões, de visitar as casas dos jovens, de ter amizade e acompanhar individualmente cada membro. Está em situação diferente um assessor que acompanha uma diocese ou conjunto de dioceses. Nesse caso seu tempo é escasso. É obrigado a priorizar o trabalho mais amplo. Precisa mudar o seu estilo de acompanhamento. É preciso ter visão de vários setores ao mesmo tempo e lidar com quantidade grande de compromissos. Não há mais tempo para um acompanhamento individual dos jovens iniciantes. Não tem mais condições de estar presente em todas as reuniões do grupo de base. O acompanhamento pessoal agora deve ser das lideranças. Não pode estar mais presente em todas as reuniões e eventos. É preciso priorizar as reuniões e eventos que são importantes para fortalecer um processo mais amplo.

3. Interferir em momentos-chave:

Um assessor, com experiência, sabe que há certos momentos-chave, em reuniões de coordenação, reuniões para montar um curso, assembléias de planejamento, quando decisões importantes estão sendo tomadas ou mesmo quando algum conflito precisa ser contornado. Algumas decisões têm importância vital. São decisões que podem significar o avanço ou o retrocesso da pastoral, no futuro. Frequentemente o assessor tem visão mais ampla, vê perigos e dificuldades que os jovens não vêem.

4. Contato com a base:

O que é a base para um assessor nacional, regional, diocesano? Esta é uma questão ainda não resolvida. É difícil, senão impossível para um assessor que trabalha em um destes níveis estarem presente continuamente nas reuniões de grupo de base, na comunidade ou ambiente específico. Algum tipo de contato é necessário para não perder de vista a realidade das bases. A falta de contato direto com os jovens nas comunidades gera ilusões. Há muito assessor que trabalha a partir de um modelo de jovem e da realidade da juventude que somente existe em sua cabeça. E planos elaborados a partir de uma realidade fictícia não chegam a se realizar.

5. A pastoral como processo:

O desafio para o assessor é descobrir como desenvolver um processo de Pastoral Juvenil que combine a teoria e a práxis (prática refletida), numa dinâmica que desperte o jovem para a fé e o compromisso. "Normalmente nos seminários os agentes foram ensinados a expor belos temas catequéticos (os sacramentos, a Igreja...), a provar teses, a montar cursos bíblicos com grande ordem e lógica, mas não foram ensinados a acompanhar processos de evangelização que, partindo da vida, levam a sentir a



necessidade de uma conversão a Cristo e ao seu Reino"⁴. O assessor que não considera a Pastoral Juvenil como um processo corre muito, "queima muito óleo", sem chegar a lugar nenhum.

A tendência de muitos assessores que não trabalham dentro de um processo é de fazer pastoral de cursos e percorrer todos os grupos ou paróquias para fazer visitas. Cursos e visitas que não fazem parte de um processo mais amplo não despertam para o compromisso, não educam para a co-responsabilidade. O assessor corre muito, mas sem ver resultados.

6. Acompanhamento pessoal:

O acompanhamento das lideranças depende muito da atenção pessoal que se dá a cada um. O acompanhamento não pode ser somente intelectual. O aspecto afetivo é também importante. O assessor sobrecarregado se esquece de que *o tempo gasto na atenção mais pessoal não é tempo perdido*. É importante gastar tempo em papos informais. É nestes momentos que saem coisas importantes fora da pauta. Não é sempre fácil perceber esta verdade numa cultura que acentua a eficiência. Aliás, perder tempo pode ser uma maneira de ser eficiente.

É fazer como Jesus fez caminhando com os discípulos no caminho para Emaús (Lc 24,13-35). Caminha com eles, escuta suas preocupações e ajuda a entender os acontecimentos dentro de uma visão mais ampla de fé. O diálogo entre assessores e jovens só ocorre quando há confiança e lealdade. Daí a necessidade de uma presença e convivência mais profundas. O assessor deve caminhar com os jovens, conviver com eles, conhecer a sua realidade, ambiente familiar, e acompanhá-los em suas atividades. Visitar as famílias para compreender a história pessoal de cada um.

7. O assessor é um articulador:

Devido a sua posição na diocese, o assessor muitas vezes encontra facilidade para fazer contatos e abrir portas para os jovens. Faz um trabalho de "bastidores" que poucos conhecem: contatos, telefonemas, visitas, conversas.

8. Como Jesus acompanhou seu grupo:

Alguns biblistas dizem que Jesus começou trabalhando com a massa, mas que percebeu que não estava dando certo porque estava criando um tipo errado de liderança e mudou de tática. De qualquer maneira está claro no Evangelho que Jesus apostou muito no seu "grupo de base", nos doze que iam continuar sua missão. Ao mesmo tempo não abandonou a massa. E como trabalhou Jesus com os doze? Jesus não se perde na massa, na multidão... Jesus valoriza e ama cada pessoa do grupo e respeita seu modo de pensar. Não rejeita a colaboração de ninguém. Anima-os a assumir compromissos sem medo, segundo as possibilidades de cada um. E também se preocupa com a continuidade do trabalho. Quando não esta com eles, o grupo não se enfraquece e

⁴ Jesus Andrés Velas s.j., Alejandro Londoño, s.j., "Grupos juveniles", Indo-American Press Service, Bogotá Colômbia, 1981, p. 49.



a força da sua mensagem os anima continuamente para que se transformem em animadores de outros grupos⁵.

Educador na fé

1. O assessor é um educador:

O assessor é, sobretudo, um educador. A palavra "educador" vem do latim "*educere*", que significa tirar de dentro. Educar é ajudar o educando a desenvolver suas próprias potencialidades. Ele traz informações e conhecimentos novos. Em alguns lugares há a tendência de achar que tudo deve vir dos jovens. "Esta opinião foi influenciada por uma frase de Paulo Freire: 'Ninguém educa ninguém; ninguém se educa sozinho'. A frase, mal-entendida, leva a uma concepção de educação que não caminha", observou um assessor. Hoje, há consenso de que o assessor tem contribuição teórica importante, mas ele também se educa ao trabalhar com os jovens. Neste sentido o assessor contribui na reflexão através de questionamentos, informações, conteúdos e sistematização das experiências e idéias que vêm dos próprios jovens. Oferece elementos e conhecimentos para ajudar a superar obstáculos e a sistematizar as experiências. "Educação é obra do coração"(São João Bosco).

2. Educador da fé:

O assessor, porém, não é qualquer tipo de educador. É um educador da fé. Ser um educador da fé é a principal missão do assessor. Os jovens são acusados de não terem fé, de não terem espiritualidade, de só buscarem lazer na pastoral e os mais comprometidos são acusados de só se preocuparem com os problemas sociais. Nos casos em que as afirmações são verídicas (frequentemente não são), os verdadeiros culpados não são os próprios jovens. E como culpar o menino de rua por estar na rua. Muitos jovens não receberam formação cristã na família e muitas vezes não a recebem na paróquia. Não podemos exigir do jovem algo para o qual não foi despertado. Nem sempre o assessor entende seu papel específico. Tem receio de falar de Jesus Cristo, da importância de celebrar a fé e do estudo teológico.

3. Celebrações cerebrais: Devido a sua formação intelectual, muitos assessores padres têm dificuldade de sair fora dos esquemas demasiadamente racionais. E as celebrações apenas cerebrais não alimentam a fé. Este tipo de celebração não alimenta a caminhada. A celebração tem que ser num outro nível, diferente dos demais trabalhos do encontro. Há diferença entre discussão de grupo e celebração. Há necessidade de criar clima para a interiorização. Há necessidade de integrar outras dimensões: o afetivo, o simbólico. A celebração que não leva a um contato pessoal com Jesus Cristo não alimenta a fé do jovem. A educação da fé se faz de duas maneiras:

⁵ Cf. Plan general de formacion de la pastoral juvenil de la arquidiocese de Cochabamba, Bolivia.



- I) Testemunho pessoal (EN 21) e
- II) Explicação do anúncio de Jesus Cristo (EN 23).

4. Testemunho pessoal:

A opção por Jesus Cristo não pode ser teórica. Deve ser vivencial e isso só é possível na medida em que o jovem encontra modelos de cristãos autênticos que vivam esta opção de modo coerente no seu dia-a-dia. O jovem procura modelos. Espera que o assessor seja um destes modelos. A missão do assessor, portanto, é a educação do jovem na fé, pelo seu testemunho pessoal. *Sua relação com Cristo não pode ser teórica*, mas algo que se traduz na sua vida. O jovem percebe logo quando o assessor vive de convicções fortes, bem assimiladas e não de opiniões superficiais. Os melhores militantes colocam a presença do assessor como fator determinante nas suas opções. O testemunho do assessor não é só individual. Sua força vem da sua inserção numa comunidade concreta que vive uma fé no dia-a-dia.

5. Explicação do anúncio do Senhor Jesus:

Em segundo lugar, o assessor educa o jovem na fé, facilitando a transmissão de informações e de conhecimentos que possibilitam a formação integral nas cinco dimensões: personalização, integração, conscientização política, conhecimento teológico-espiritual e capacitação técnica. Um jovem escreveu: "O assessor é um cara que caminha junto, garante a continuidade, alguém que esclarece e analisa, traz informações novas, ajuda a articular, ajuda a refletir e a sistematizar. O assessor não é um super-homem ou mulher, que sabe tudo. Deve estar disposto a aprender muita coisa com os próprios jovens". O papel do assessor é chamar a atenção ao perigo de esquecer a questão de fé no meio do grande número de atividades e compromissos. Acompanha o jovem no seu processo de fé pessoal, como Jesus fez com seu grupo.

Assessor Ponte

O assessor é uma espécie de ponte entre os jovens e os adultos na Igreja. Para desempenhar esta função, várias condições são necessárias.

1. Saber trabalhar o conflito:

A juventude, como grupo social é o segmento da sociedade que mais contesta e questiona os padrões da geração adulta. O adulto que aceita o desafio de assessorar o trabalho pastoral com jovens não pode ignorar que a capacidade de administrar o conflito é dado essencial desta vocação. A ignorância deste fato pode levar a frustrações e decepções. Há muitos casos em que a falta de assessoria capacitada para ajudar a administrar o conflito prejudica muito trabalho bom.

Ser ponte significa saber trabalhar o conflito. Significa fazer *acontecer a unidade dentro da pluralidade*, através do diálogo e não do decreto. Significa, às vezes, ser bombeiro. Outras vezes, significa avisar os jovens que estão correndo com excesso de velocidade, que há uma curva perigosa na frente e, se não frearem, vão derrapar e capotar. O conflito pode ser algo positivo. A ausência de conflito, às vezes, é sinal de



estagnação. E a paz do cemitério. Através do conflito, abrem-se novos caminhos, enxergam-se novos horizontes, aceitam-se novas idéias, a dimensão profética do Evangelho e vivida e a incoerência entre teoria e prática e revelada.

O conflito também pode ser negativo. Pode acabar com o trabalho paciente e abnegado de anos, em poucos dias, ou até em poucos minutos. Nestes casos, falta habilidade política de assessores e coordenadores jovens para lidar com o conflito. A falta de um interlocutor de confiança leva a hierarquia a ficar apavorada diante de certas situações críticas e a tomar atitudes drásticas que provocam retrocesso na Pastoral Juvenil e falta de credibilidade da instituição diante da juventude. O bispo ou o padre, às vezes, tem a sensação de estar num carro correndo a 100 quilômetros por hora, fazendo curvas, numa estrada montanhosa, com perigo de cair num precipício. O assessor, que é interlocutor, ajuda cada lado a escutar o ponto de vista do outro, eliminando exageros e boatos.

2. Ter a confiança de ambos os lados:

O assessor é aquele que ajuda a ligar os pontos, que constrói uma rede de comunicação entre pessoas, que abre portas e conquista espaços para os jovens. É construtor de pontes. Na Igreja, ele faz a ponte entre o bispo, os padres e os adultos. É interlocutor. Devem ter a confiança e o respaldo de ambos os lados. O assessor conquista confiança pela seriedade do seu trabalho e pela clareza de idéias. Neste sentido, não é importante se é padre, religioso ou leigo, desde que tenha respaldo dos dois lados.

Ser ponte não significa ficar "em cima do muro", quando se trata de questão de princípios importantes e de linha pastoral. Não se pode renunciar a opção profética do Evangelho. Por outro lado, o assessor não pode ser o tipo que "joga mais lenha na fogueira". Neste caso, perde a confiança dos adultos. Há casos em que os jovens tiveram mais maturidade e diplomacia do que o assessor adulto "que só queria brigar". Numa equipe de assessores nem todos tem habilidade para o trabalho lento e doloroso da negociação e do diálogo. Há necessidade de cabeça fria. Se todo mundo tem cabeça quente não há saída. Uns tem "pavio mais curto". Neste caso, devem reconhecer suas limitações e em momentos de conflito devem colocar outros como interlocutores para não provocar retrocessos desnecessários.

3. Contato direto com o bispo:

O fato de o assessor ser ponte privilegiada entre jovens e adultos, não deve substituir o contato direto com os dois lados, de modo especial com o bispo. Apesar dos seus muitos compromissos, é importante que o bispo marque algumas reuniões com a coordenação dos jovens durante o ano. Trata-se de reuniões para as duas partes dizerem com franqueza as suas idéias e preocupações, num clima de amizade e respeito mútuo. O bispo, em geral escuta mais as reclamações dos adultos. O contato direto com os jovens é importante porque dissipa preconceitos e mal-entendidos. Percebe-se a seriedade do trabalho e o desejo de acertar. É bom também para o bispo o contato com o pensamento dos jovens.



A prática da CNBB, de indicar bispos-assessores nos níveis regionais e nacionais, tem dado bons resultados. São bispos que tem diálogo fácil com a juventude. Tem agido como pontes, abrindo canais de comunicação entre os outros bispos e os jovens.

Equipe de Assessores

1. Reunir os três tipos de assessores:

Não é bom que o assessor trabalhe só. Um passo importante na organização da PJ é a formação de uma comissão de assessores onde se podem reunir os três tipos de assessoria: religioso (padre, irmã, irmão), leigo adulto e jovem. A experiência dos últimos anos tem mostrado a importância de equipes de assessores, em todos os níveis de coordenação: nacional, regional, diocesano, setorial.

Na 4ª Assembléia Nacional, em 1983, que iniciou o processo de PJ que temos hoje, os delegados elegeram uma coordenação de jovens (CNPJ). Na 5ª Assembléia elegeram uma comissão de assessores (CNAPJ). Na medida em que as outras pastorais de juventude (PU, PJE, PJR, PJMP) foram se organizando em nível nacional, adotaram o mesmo sistema. Muitos regionais e dioceses trabalham hoje com duas equipes, uma de jovens e outra de assessores. O assessor titular participa das duas, como ponto de ligação.

2. Relação com a coordenação de jovens:

Com duas equipes (de jovens e assessores) trabalhando na mesma pastoral, foi importante delimitar as áreas e as competências de cada uma. Coordenação de Jovens
Comissão de assessores_ Assessor diocesano¹¹ _ Organizar a PJ nos vários níveis
Conquistar mais assessores, executar as decisões das assembleias, capacitar assessores, acompanhar o plano de pastoral, ajudar a aprofundar questões ambíguas, tomar decisões necessárias, criar espaço de convivência, etc. A coordenação de jovens também faz muita das tarefas empenhadas pela Comissão de Assessores. O jovem, porém, tem pouco tempo para estudo e reflexão, pois tem a responsabilidade de organizar a pastoral. De modo geral, não teve o mesmo preparo intelectual que tem um assessor. Neste aspecto, a Comissão de Assessores complementa, mas não substitui a coordenação de jovens.

3. Complementaridade:

Os três tipos de assessores se completam Não disputam o poder. Cada um tem atribuições e dons que o outro não tem. Cada um tem suas limitações. Uma grande máquina tem rodas dentadas de vários tamanhos. Todas são importantes. A falta de uma prejudica o conjunto. Numa situação ideal, a equipe diocesana de assessores deve ser composta pelos três tipos de assessores.



4. Equipe de apoio e de aprofundamento:

O trabalho pastoral com jovens, às vezes, é desgastante. Por isso, não é bom que o assessor esteja só. Na diocese, por exemplo, o assessor diocesano *deve ter uma equipe de assessores, além da equipe de jovens*. A equipe de assessores permite discutir problemas, angustias, dúvidas e questões novas, com pessoas do mesmo nível e dar apoio diante das dificuldades. A equipe facilita a conquista de novos assessores e apoio dos padres e adultos. É um espaço, também, de aprofundamento intelectual, em que soluções para difíceis e novas situações podem ser refletidas. Subsídios podem ser preparados para clarear questões e abrir novas frentes.

A experiência dos que possuem mais tempo neste trabalho ajudará os que estão iniciando. A equipe de assessores *evita o centralismo e o personalismo* de alguns assessores que, quando saem, deixam um vazio. Com a presença de uma equipe, outros poderão assumir seu lugar. Nenhum assessor é completo. O assessor diocesano conhece seus pontos fracos e seus pontos fortes. O que falta na sua personalidade pode ser complementado por outros. É importante haver um projeto de trabalho de divisão de tarefas: alguns acompanham os militantes, outros os iniciantes, outros montam uma equipe para dar cursos, outros preparam subsídios, outros acompanham diferentes áreas geográficas (setores pastorais).

O assessor precisa ter *sua própria instância de revisão de vida*, onde se revisa desde seus compromissos e sua participação na Pastoral Juvenil, até os aspectos mais íntimos de sua vida.

Capacitação do assessor

1. Não basta o dom natural:

Devido à importância do assessor no processo de Pastoral da Juventude, é fundamental uma estratégia para capacitar os assessores que vão se integrando ao processo. Alguns têm um dom natural para lidar com jovens. Mas isso não basta. Precisam adquirir as habilidades necessárias para fazer um trabalho pastoral consequente que vá além da amizade e da boa vontade.

2. Formação no próprio grupo:

O assessor não nasce pronto. Tem que adquirir experiência. Cremos que sua formação se dá, em primeiro lugar, no interior do grupo de base onde fará a experiência que Jesus fez com seu grupo: convivendo, rezando e planejando juntos. Com os jovens, aprende através do processo de ensaio-e-erro. Nesta relação permanente com seu grupo, faz a história e não se limitam apenas a reuniões, palestras e celebração de algumas missas.

3. Formação teórica:

A formação na ação, porém, não basta. O assessor precisa de uma reflexão teórica sobre a experiência acumulada. Sem esta clareza teórica estará como quem



aprende a nadar: agita-se muito, gasta muita energia, mas não sai do lugar. "Quem não sabe não pode ser assessor".

Este curso, por exemplo, é uma tentativa de preencher esta lacuna. *Cursos e seminários*, quando bem conduzidos e com boa metodologia e conteúdo, são instrumental importante na formação de assessores.

O clima de reflexão, de troca e de amizade tem contribuído para a perseverança de muitos assessores. Outro caminho importante de formação de assessores são os cursos.

Olhando para frente

O assessor trabalha com os jovens porque gosta. Está convencido de que "há que se cuidar do broto, para que a vida de flor e fruto". No trabalho pastoral há momentos de coragem, de gesto profético, de mostrar caminho, de escuta, de "andar na corda bamba". Nos momentos de conflito, quando toda sua personalidade o empurra emocionalmente para o enfrentamento, precisa se policiar para não perder a objetividade. Procura avaliar o melhor caminho para ajudar o avanço da Pastoral Juvenil e evitar tomar atitudes motivadas pela necessidade de descarregar emoções negativas, resultado de insegurança e mecanismos psicológicos de defesa. Frente à tentação do ativismo procura estabelecer um ritmo mais humano e espiritual. Os bons assessores de hoje já foram, um dia confusos, inseguros e não sabiam por onde caminhar. Basta a boa vontade e a reta intenção para começar.